



ISSN 2674-8169



Latindex



DOI



CONDIÇÕES DE TRABALHO EM UTI E SEUS IMPACTOS NA SAÚDE FÍSICA E MENTAL DO TRABALHADOR

Maria Eduarda Bezerra Do Nascimento, Eleuza Rodrigues Machado, Beluce Arruda De Camargo Monteiro, Rhana Larissa Guerreiro Da Silva, Hillary Torres Lemos, Jakeline Guerra Dos Santos Lima, Lorena De Oliveira Ferreira, Fernanda Santana Da Silva, Rute Ronielly Marinho Moraes, Claudiana Gonçalves Lopes Loureiro, Laci Marcos Dias, Roberta Raiane Rubens Coutinho



<https://doi.org/10.36557/2674-8169.2026v8n2p583-592>

Artigo recebido em 12 de Janeiro e publicado em 11 de Fevereiro de 2026

ARTIGO ORIGINAL

RESUMO

As Unidades de Terapia Intensiva (UTI) constituem ambientes assistenciais de elevada complexidade, caracterizados por demandas contínuas de cuidado, uso intensivo de tecnologias e tomada rápida de decisões clínicas. Nesse contexto, os trabalhadores da saúde encontram-se expostos a condições laborais potencialmente geradoras de desgaste físico e sofrimento psíquico. O presente estudo teve como objetivo analisar as condições de trabalho em UTIs e seus impactos na saúde física e mental dos profissionais, por meio de uma revisão integrativa da literatura, de abordagem qualitativa. A busca foi realizada nas bases SciELO, BVS, LILACS e MEDLINE/PubMed, considerando artigos disponíveis na íntegra, publicados em português, inglês ou espanhol, que abordassem riscos ocupacionais, estresse, Burnout e adoecimento relacionado ao trabalho em terapia intensiva. Os resultados evidenciaram elevada prevalência de fadiga, distúrbios musculoesqueléticos, alterações do sono, estresse ocupacional, ansiedade, sintomas depressivos e Síndrome de Burnout, associados principalmente à sobrecarga de trabalho, jornadas prolongadas, insuficiência de recursos humanos e exposição frequente ao sofrimento e à morte. Observou-se, ainda, que fatores organizacionais e psicossociais influenciam diretamente o processo de adoecimento, enquanto estratégias institucionais de apoio, dimensionamento adequado de pessoal e promoção da saúde mental atuam como elementos protetores. Conclui-se que a melhoria das condições de trabalho em UTIs é fundamental para a proteção da saúde dos profissionais, para a qualidade da assistência e para a segurança



do paciente, sendo necessária a implementação de políticas institucionais voltadas à promoção de ambientes laborais saudáveis.

Palavras-chave: Unidade de Terapia Intensiva; Saúde do trabalhador; Condições de trabalho; Estresse ocupacional; Síndrome de Burnout; Saúde mental.

WORKING CONDITIONS IN THE ICU AND THEIR IMPACTS ON THE PHYSICAL AND MENTAL HEALTH OF THE WORKER.

SUMMARY

Intensive Care Units (ICUs) are highly complex care environments characterized by continuous care demands, intensive use of technology, and rapid clinical decision-making. In this context, healthcare workers are exposed to working conditions that can potentially generate physical exhaustion and psychological distress. This study aimed to analyze working conditions in ICUs and their impact on the physical and mental health of professionals through an integrative literature review with a qualitative approach. The search was conducted in the SciELO, BVS, LILACS, and MEDLINE/PubMed databases, considering articles available in full text, published in Portuguese, English, or Spanish, that addressed occupational risks, stress, burnout, and work-related illness in intensive care. The results showed a high prevalence of fatigue, musculoskeletal disorders, sleep disturbances, occupational stress, anxiety, depressive symptoms, and Burnout Syndrome, mainly associated with work overload, prolonged working hours, insufficient human resources, and frequent exposure to suffering and death. It was also observed that organizational and psychosocial factors directly influence the process of illness, while institutional support strategies, adequate staffing levels, and the promotion of mental health act as protective elements. It is concluded that improving working conditions in ICUs is fundamental for protecting the health of professionals, for the quality of care, and for patient safety, and that the implementation of institutional policies aimed at promoting healthy work environments is necessary.

Keywords: Intensive Care Unit; Occupational health; Working conditions; Occupational stress; Burnout syndrome; Mental health.



INTRODUÇÃO

As Unidades de Terapia Intensiva (UTI) configuram-se como ambientes de elevada complexidade assistencial, destinados ao cuidado de pacientes em estado crítico que demandam monitoramento contínuo, intervenções tecnológicas avançadas e atuação multiprofissional altamente qualificada. Nesse contexto, os trabalhadores de saúde, especialmente profissionais de enfermagem e medicina, são expostos a condições laborais marcadas por sobrecarga física, pressão emocional constante, responsabilidade elevada e contato frequente com sofrimento, dor e morte. Tais características tornam o ambiente da UTI um espaço potencialmente gerador de adoecimento físico e psíquico, repercutindo diretamente na qualidade de vida desses profissionais e na segurança do cuidado prestado (Dejours, 2015; Maslach; Leiter, 2016).

Do ponto de vista organizacional, as condições de trabalho em terapia intensiva incluem jornadas prolongadas, déficit de recursos humanos, exigência de alta produtividade, ruídos constantes de equipamentos, iluminação artificial contínua e necessidade de tomada rápida de decisões. Esses fatores contribuem para o desenvolvimento de fadiga ocupacional, distúrbios musculoesqueléticos e alterações do sono, além de favorecerem o surgimento de estresse crônico e exaustão emocional (Silva *et al.*, 2020). A literatura evidencia que ambientes hospitalares críticos, quando associados à precarização do trabalho e à insuficiência de suporte institucional, ampliam o risco de sofrimento psíquico e comprometimento da saúde mental dos trabalhadores (Minayo-Gomez; Thedim-Costa, 2017).

Entre os agravos mais discutidos nesse cenário destaca-se a Síndrome de Burnout, caracterizada por exaustão emocional, despersonalização e redução da realização profissional, frequentemente observada em profissionais que atuam sob intensa demanda emocional e elevada responsabilidade assistencial (Maslach; Jackson, 1981). Estudos apontam maior prevalência dessa síndrome em trabalhadores de UTI, devido à convivência diária com situações limite, à pressão por resultados imediatos e ao sofrimento moral decorrente de decisões clínicas complexas (Schmidt *et al.*, 2019). Além disso, a pandemia de COVID-19 intensificou tais desafios, evidenciando fragilidades estruturais dos sistemas de saúde e ampliando os índices de ansiedade,



depressão e esgotamento entre profissionais da linha de frente (WHO, 2022).

No campo da saúde do trabalhador, compreende-se que o processo de adoecimento não está restrito a fatores individuais, mas resulta da interação entre organização do trabalho, condições ambientais, relações interpessoais e reconhecimento profissional. Dejours (2015) ressalta que o sofrimento psíquico emerge quando há desequilíbrio entre as exigências do trabalho e as possibilidades de realização subjetiva do trabalhador. Assim, estratégias institucionais de apoio psicossocial, dimensionamento adequado de pessoal, educação permanente e promoção de ambientes saudáveis tornam-se fundamentais para a prevenção do adoecimento e para a valorização desses profissionais.

Diante desse panorama, investigar as condições de trabalho em UTIs e seus impactos na saúde física e mental dos trabalhadores revela-se essencial para subsidiar políticas de gestão, planejamento em saúde e implementação de medidas de proteção laboral. A compreensão desses fatores contribui não apenas para o bem-estar dos profissionais, mas também para a melhoria da qualidade assistencial e da segurança do paciente, uma vez que trabalhadores saudáveis apresentam maior capacidade de atenção, tomada de decisão e cuidado humanizado. Assim, o presente estudo tem como objetivo analisar as condições de trabalho em Unidades de Terapia Intensiva e discutir suas repercussões sobre a saúde física e mental dos trabalhadores, à luz da literatura científica e das políticas de saúde do trabalhador, evidenciando desafios, riscos ocupacionais e possibilidades de intervenção no contexto hospitalar contemporâneo.

MÉTODOS

Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa, do tipo revisão integrativa da literatura, com o objetivo de analisar as condições de trabalho em Unidades de Terapia Intensiva e seus impactos na saúde física e mental dos trabalhadores da saúde. A revisão integrativa possibilita a síntese do conhecimento científico já produzido sobre determinado fenômeno, permitindo identificar evidências, lacunas de investigação, tendências teóricas e contribuições relevantes para a compreensão do processo de adoecimento relacionado ao trabalho em ambientes hospitalares críticos.

A busca dos estudos foi realizada nas bases de dados Scientific Electronic Library

Online (SciELO), Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (MEDLINE/PubMed), selecionadas por sua relevância, abrangência e reconhecimento científico na área da saúde. Os descritores utilizados foram definidos conforme os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) e Medical Subject Headings (MeSH), incluindo termos relacionados a “Unidade de Terapia Intensiva”, “condições de trabalho”, “saúde do trabalhador”, “estresse ocupacional”, “Síndrome de Burnout” e “saúde mental”, combinados por meio de operadores booleanos AND e OR, com a finalidade de ampliar e refinar os resultados obtidos.

Como critérios de inclusão, foram considerados artigos científicos disponíveis na íntegra, publicados nos idiomas português, inglês ou espanhol, que abordassem diretamente as condições laborais em UTIs e suas repercussões físicas, psicológicas ou emocionais nos profissionais de saúde. Também foram incluídos estudos observacionais, revisões sistemáticas e pesquisas qualitativas que apresentassem dados relevantes sobre riscos ocupacionais, sofrimento psíquico, sobrecarga de trabalho, fadiga, distúrbios musculoesqueléticos ou Burnout em trabalhadores de terapia intensiva. Como critérios de exclusão, foram descartados estudos duplicados, publicações que não apresentavam relação direta com o tema, artigos de opinião, editoriais, resumos simples, dissertações, teses e trabalhos cujo texto completo não estava disponível.

O processo de seleção ocorreu em etapas sequenciais. Inicialmente, realizou-se a leitura dos títulos e resumos para identificação da pertinência temática. Em seguida, procedeu-se à leitura na íntegra dos artigos potencialmente elegíveis, assegurando maior rigor metodológico e alinhamento com o objetivo do estudo. Posteriormente, os dados extraídos foram organizados de forma sistemática em instrumento próprio, contemplando informações como autores, ano de publicação, local do estudo, delineamento metodológico, principais resultados e conclusões. Essa sistematização permitiu a análise crítica, comparativa e interpretativa do conteúdo, subsidiando a discussão à luz da literatura científica sobre saúde do trabalhador e organização do trabalho em terapia intensiva.

Por se tratar de uma pesquisa de revisão bibliográfica, sem envolvimento direto de seres humanos, não houve necessidade de submissão ao Comitê de Ética em

Pesquisa. Ainda assim, foram respeitados os princípios éticos previstos na Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, especialmente quanto à integridade científica, ao respeito à autoria e ao uso responsável das informações, garantindo a confiabilidade e a legitimidade do estudo desenvolvido.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A busca nas bases de dados resultou na identificação de estudos que evidenciam a complexidade das condições de trabalho em Unidades de Terapia Intensiva e suas repercussões diretas sobre a saúde física e mental dos profissionais. De modo geral, os achados apontam para a presença de múltiplos fatores de risco ocupacional, incluindo sobrecarga de trabalho, jornadas prolongadas, insuficiência de recursos humanos, exposição contínua ao sofrimento e à morte, além de pressões institucionais relacionadas à tomada de decisões rápidas e de alta responsabilidade clínica.

No que se refere aos impactos físicos, diversos estudos destacam a ocorrência de fadiga intensa, distúrbios do sono, cefaleias frequentes e queixas musculoesqueléticas, especialmente em coluna cervical e lombar, associadas à manutenção de posturas inadequadas, mobilização de pacientes críticos e ritmo acelerado de atividades assistenciais. Tais agravos são potencializados pela inadequação ergonômica do ambiente e pela ausência de pausas regulares durante a jornada laboral, contribuindo para o desgaste progressivo do trabalhador e para o aumento do risco de afastamentos por doença ocupacional.

Em relação à saúde mental, observa-se elevada prevalência de estresse ocupacional, ansiedade, sintomas depressivos e exaustão emocional entre profissionais que atuam em terapia intensiva. A convivência cotidiana com situações limite, aliada à pressão por resultados imediatos e ao sofrimento moral decorrente de decisões clínicas complexas, favorece o desenvolvimento da Síndrome de Burnout, considerada um dos principais agravos psicossociais nesse contexto. Os estudos analisados indicam que a exaustão emocional e a sensação de baixa realização profissional estão frequentemente associadas à sobrecarga assistencial, à falta de reconhecimento institucional e à fragilidade do suporte psicossocial oferecido pelas organizações de saúde.

Outro aspecto recorrente refere-se à organização do trabalho nas UTIs, marcada



por dimensionamento inadequado de pessoal, comunicação interprofissional fragilizada e limitações estruturais que dificultam a prestação de um cuidado seguro e humanizado. Essas condições intensificam o sofrimento psíquico e reduzem a satisfação profissional, podendo comprometer a qualidade da assistência e a segurança do paciente. Observa-se, portanto, uma relação direta entre condições laborais desfavoráveis, adoecimento do trabalhador e possíveis desfechos negativos no cuidado em saúde.

Por outro lado, alguns estudos evidenciam fatores protetores capazes de minimizar os impactos negativos do trabalho em terapia intensiva. Entre eles destacam-se o apoio da equipe multiprofissional, a presença de liderança acolhedora, programas institucionais de promoção da saúde mental, educação permanente e estratégias de enfrentamento baseadas em suporte social e fortalecimento do sentido do trabalho. Tais elementos contribuem para maior resiliência profissional, redução do estresse e melhoria da qualidade de vida no trabalho.

A análise integrada dos achados demonstra que o adoecimento físico e mental dos trabalhadores de UTI não deve ser compreendido como fenômeno individual, mas como resultado de determinantes organizacionais, estruturais e psicossociais do processo de trabalho em saúde. Dessa forma, intervenções voltadas apenas ao indivíduo mostram-se insuficientes, sendo necessária a implementação de políticas institucionais que promovam condições laborais adequadas, dimensionamento seguro de pessoal, valorização profissional e cuidado com a saúde mental das equipes.

Assim, os resultados reforçam a importância de estratégias de gestão que priorizem ambientes de trabalho saudáveis, considerando que a proteção à saúde do trabalhador está diretamente relacionada à qualidade da assistência prestada e à segurança do paciente em unidades críticas. Investir no bem-estar dos profissionais de terapia intensiva constitui, portanto, medida essencial para a sustentabilidade dos serviços de saúde e para a efetivação de um cuidado ético, seguro e humanizado.

CONCLUSÃO

A análise da literatura evidenciou que as condições de trabalho em Unidades de



Terapia Intensiva apresentam elevada complexidade e estão diretamente associadas a repercussões significativas na saúde física e mental dos trabalhadores da saúde. A presença de sobrecarga assistencial, jornadas prolongadas, insuficiência de recursos humanos, exposição contínua ao sofrimento e à morte, bem como fragilidades na organização do trabalho, configuram um cenário propício ao desenvolvimento de agravos físicos, como fadiga e distúrbios musculoesqueléticos, e de adoecimento psíquico, incluindo estresse ocupacional, ansiedade, sintomas depressivos e Síndrome de Burnout.

Os achados reforçam que o processo de adoecimento não deve ser compreendido apenas sob a perspectiva individual, mas como resultado de determinantes organizacionais, estruturais e psicossociais do trabalho em saúde. Nesse sentido, intervenções centradas exclusivamente no trabalhador mostram-se limitadas, tornando imprescindível a implementação de políticas institucionais voltadas à promoção de ambientes laborais saudáveis, ao dimensionamento adequado de pessoal, ao fortalecimento do suporte psicossocial e à valorização profissional.

Destaca-se, ainda, que a proteção à saúde dos trabalhadores de UTI possui relação direta com a qualidade da assistência prestada e com a segurança do paciente, evidenciando que investir no bem-estar das equipes constitui estratégia fundamental para a sustentabilidade dos serviços de saúde. Assim, conclui-se que a melhoria das condições de trabalho em terapia intensiva representa não apenas uma demanda ética e ocupacional, mas também um requisito essencial para a efetivação de um cuidado seguro, humanizado e de qualidade.

REFERENCIA

DEJOURS, Christophe. ***A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho***. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2015.

MASLACH, Christina; JACKSON, Susan E. The measurement of experienced burnout. ***Journal of Occupational Behavior***, v. 2, n. 2, p. 99–113, 1981.

MASLACH, Christina; LEITER, Michael P. ***Burnout: the cost of caring***. Cambridge: Malor Books, 2016.



MINAYO-GOMEZ, Carlos; THEDIM-COSTA, Sônia Maria da Fonseca. A construção do campo da saúde do trabalhador: percurso e dilemas. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 33, supl. 1, e00105116, 2017.

SCHMIDT, Daisy Regina et al. Qualidade de vida no trabalho e Burnout em profissionais de terapia intensiva. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 72, n. 1, p. 210–218, 2019.

SILVA, Rodrigo Marques da et al. Estresse ocupacional e fatores associados em profissionais de enfermagem de unidade de terapia intensiva. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 28, e3253, 2020.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **Mental health and COVID-19: early evidence of the pandemic's impact**. Geneva: WHO, 2022.